

A Desumanização da Morte e do Homem

Leandro Laube*

Tendo como ponto de apoio “Do Sagrado ao Profano: A *Urbes* em Ragtime”, de Wilton Fred Cardoso de Oliveira (*op.cit*, 2003, pp.56-62), o presente ensaio aborda a evolução das relações sociais e religiosas, desde os primeiros passos neolíticos até a contemporaneidade metropolitana ocidental, mostrando o esvaziamento do homem a partir de sua relação com a morte. Lança mão de elementos filosóficos e literários, sem no entanto constituir-se um ou outro, quiçá nem um nem outro; algo intermediário, ou o que Reichmann poderia chamar de *Intermezzo Lírico-Filosófico*.

Estando o homem pré-histórico entre as criaturas mais frágeis da natureza (mais para caça do que para caçador), foi forçado a desenvolver habilidades para sua sobrevivência, o que o levou à criação de utensílios, armas e, posteriormente, de sistemas sociais. O domínio da agricultura, há cerca de sete mil anos, proporcionou uma fonte segura de alimentos (completada mais tarde com a domesticação de animais), o que colaborou para a melhoria das condições de vida e o conseqüente crescimento dos núcleos humanos. Tal aumento demográfico levou ao surgimento de relações mais complexas dentro dos grupos.

Com a fixação do homem à terra, este começa a promover alterações no meio, pois passa a prepará-lo às suas necessidades e expectativas. Surgem os primeiros aglomerados que, mais tarde, se transformariam em aldeias, vilas e, seqüentemente, cidades e metrópoles.

As primeiras sociedades apresentavam-se com uma estrutura bastante simplificada, baseada nas tradições e os líderes (chefes ou feiticeiros) não determinavam as ações, apenas aconselhavam. Posteriormente (na Idade dos Metais) apareceram sociedades mais complexas, em que a coletividade era organizada por estruturas administrativas permanentes, cuja amplitude variava conforme a cultura, a época e determinadas circunstâncias históricas. Nessas sociedades ocorreu uma aproximação do poder político com a religião, fortalecendo os sacerdotes e conferindo-lhes prestígio e fortuna.

Oliveira coloca em seu ensaio que, com o alargamento das relações entre pequenos grupos familiares, formaram-se as tribos e que estas progrediram para

* Leandro Laube é graduado licenciado em Filosofia pela FACEL, especializando em História do Brasil pelo CPGEx-Universidade Bezerra de Menezes

idades. Uma das alavancas nesse processo, certamente, teria sido a crença (OLIVEIRA, p. 57).

Assim, eis que “o homem acabava de garatujar na paisagem natural a sua marca pessoal, nela introduzindo aquilo que Deus não tinha criado: a cidade” (*in*: FENIANOS, 1998, p.5).

Vão-se as eras, as civilizações avançam e os povoados crescem: “Com o passar do tempo, o aumento populacional e a necessidade de sobrevivência profanarão a terra, a qual fundir-se-á em espaço público e privado” (OLIVEIRA, p. 57). As cidades, outrora sagradas e centradas nas células familiares, passarão a orbitar o profano que a invadirá, desumanizando seus filhos (*id.*).

O homem passa a ser apenas um componente subjugado, acorrentado. Suas individualidades pouco ou nada representam diante dos interesses comuns, tanto menos quanto estes “interesses comuns” concentrem-se nas mãos de poucos “comuns”. A exploração desenfreada fomentada pelas estruturas de poder cada vez maiores, jogam o homem à condição de mero figurante nesse drama cujo papel principal foi-lhe tomado.

A sociedade organiza-se como uma rede de relações de poder autoritário “que se espalha não só pelas chamadas instituições políticas mas por todas as relações sociais” (FREIRE & BRITO, p. 29), inclusive a familiar. A sociedade, então burguesa, deixa um véu encobrir a concernência entre as atividades públicas e privadas, de modo que se pense que as relações políticas ocorrem somente nas primeiras: “Uma estratégia poderosíssima agindo como cortina a impedir o seu questionamento” (FREIRE & BRITO, p. 30). Não há, pois, qualquer sociedade livre do autoritarismo, desde os primórdios.

Não há, também, espaço para sentimentalismos. O progresso mostra suas presas caninas e dita as atuações nesse palco que o homem construiu para si e sobre o qual está proibido de pisar. “Se o homem primitivo teve que lutar contra as forças físicas, as intempéries, contra uma natureza não domada; hoje o homem moderno vive diante de um inimigo poderoso e invisível: o capitalismo, seus instrumentos de sedução, a ideologização, o assujeitamento, a desrazão do cotidiano e a impotência causada por esse grande leviatã: as forças da Modernidade” (OLIVEIRA, p. 58).

O capital joga às favas tudo quanto se refere à dignidade, consideração, respeito e sentimento. Ou seja, acalcanha o que há de mais sagrado em cada um: a humanidade.

Não há mais vestígios daqueles primeiros aglomeramentos cuja finalidade era o homem e suas necessidades. Não há espaço para o saudosismo e para a sensibilidade. A sociedade impõe-se e determina que o útil deve ser prioritário e este está longe do sentimentalismo, secundário. Assim, clareiras são esculpidas tanto nas matas quanto nos corações e se não houver mais matas onde as abrir, derrubam-se as antigas construções para que dêem lugar a outras maiores e mais imponentes. Relíquias são esvaziadas de memória, pois as recordações devem ser apenas isto: recordações.

Ernani Reichmann, em “Paiol Grande IV”, conta provavelmente a partir de si mesmo, em sua juventude ainda no Rio Grande do Sul:

Ouve machados cortando. É outra clareira que se abre (nem precisa ver). Já é completamente dia quando começam a preparar o terreno para os trilhos, por onde devem correr os trens. Gente principia a chegar. É a vida ao redor do paiol. Casas surgem em toda parte. A mata desaparece. Restam os troncos decepados. Homens, usando perneiras, vêm marcar ruas e praças. Tudo, como sempre, continua a obedecer a um comando único, insubstituível. Mergulhado nesses ruídos, na vida intensa, todo mundo ocupado com alguma coisa, esquece-se do paiol. Ao vê-lo novamente, sente o desespero nascer em sua alma. O paiol já não tem cobertas. Suas paredes se desfazem, expostas assim ao tempo. Ninguém entra ou sai dele. Parece esquecido. Abandonado, sem calor humano, sem vida. Ao cair da tarde, já o paiol não existe. Nem coisa alguma que o identifique. Nenhum vestígio, nenhum resto, nada. Dá origem à cidade que cresce sobre ele e a seu lado, ou se perde outra vez na noite, que é na noite e somente nela (a noite da sua lembrança) que o paiol existe, se a cidade (e sua gente) lhe foi infiel desde o batismo. (REICHMANN, 1967, p. 35)

A miséria, nas suas várias acepções, bofa livremente em todos os cantos onde homens se aglomerem. E os homens se aglomeram! Feito animais entocando-se amontoados. Rastejando por debaixo da mesa, à espera de que alguma migalha lhes precipite; quando então, aos bandos, se engasgalham uns com os outros por algum restolho. E os cupinchas do leviatã riem com o espetáculo.

Reichmann, a propósito de seu personagem Teodoro, em “A Sombra de Teodoro”, comenta:

(...) Qual a diferença entre ricos e pobres? Nenhuma, a não ser em quantidade de moeda. Mas os ricos pensam que são muito diferentes. Fecham suas casas, constróem altos muros, cortam todas as ligações com os pobres. Com estes só se relacionam durante o dia, para extorquir deles o que for possível extorquir. E os pobres, que fazem os pobres? Servem aos ricos durante o dia e à noite descansam, quando podem, para

continuar servindo-os, isto quando não podem extorquir nada dos mais pobres do que eles. Ficassem ricos ou quando ficam ricos, procedem como todos os ricos. Estes vivem com medo, pois todo pobre é um criminoso em potencial. Se durante o dia o rico rouba do pobre, à noite teme que o pobre vá roubar dele, pouco se preocupando se o pobre quer apenas o que lhe foi roubado. (REICHMANN, 1981, p. 138)

E assim o homem pobre passa sua miserável existência procurando manter-se vivo, com a cabeça para fora da torrente de imundícies. “Por toda parte, os fracos execram os poderosos na frente dos quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos dos quais se vende a lã e a carne” (VOLTAIRE, p. 66). O homem rico, este passa a vida lutando para não cair no enxurro. E o leviatã ri-se de seus cupinchas.

Os homens criaram esse demônio que agora lhes arranca os olhos. Para ele, os homens, antes de ricos ou pobres, são só homens. Todos iguais, terão suas almas sugadas, mas não serão mortos, para que não cesse a galhofa. Somente depois de enfastiado os jogará aos vermes sob a terra.

Em seu artigo, Oliveira expressa que o homem, nas grandes metrópoles, deixa de ter sua individualidade e de viver para si, transformando-se em parte da massa manipulada. E o propósito qualitativo da *polis* foi substituído pelo quantitativo, este o novo imperativo. E nesse processo o homem foi sendo afastado de seus objetivos humanos e de tudo quanto lhe possa ser sagrado. O homem foi, então, transformando-se em um sem-vida.

Segundo La Bruyère, o homem passa por três grandes fatos em sua existência: o nascimento, a própria vida e a morte. Ocorre que ele (o homem) não se percebe nascendo; apenas toma consciência disto quando também já se estiver inteirando da morte, o terceiro fato. Do primeiro para o terceiro, o homem salta o segundo fenômeno de sua existência, que é a vida. Como provavelmente o homem seja o único animal com consciência da própria morte, é também o único cuja morte anula a vida antes mesmo desta ter-lhe sido privada.

Voltando um pouco à pré-história, é possível que o próximo passo do homem, seguinte à percepção de si mesmo, tenha sido a noção de sua finitude, que o coloca desprotegido diante do abismo. A partir daí, durante toda a história, o homem criaria cerca de quatro mil divindades geradoras da morte e mais de dez mil dedicadas a ela, tamanha a angústia diante do insondável.

Sem ter como explicar o que não pode ser entendido, o homem passa a conformar-se com o inevitável, até como meio de melhor o aceitar.

Nesse processo de aceitação da morte, a religião e a religiosidade passaram a ter uma importância cada vez maior, a ponto de os sacerdotes chegarem a desfrutar poder de influência política muitas vezes superior ao de imperadores, quando eles próprios não o eram. Neste contexto, sem dúvida, o melhor exemplo é o da religiosidade egípcia: A maior parte da população era de camponeses ignorantes, incapazes de compreender os rituais religiosos cada vez mais complexos. Assim, logo surgiram os aproveitadores dispostos a comercializar esse falso conhecimento, realizando qualquer tarefa que se lhes fosse encomendada. Não tardou a corromperem-se as magias, originando bruxarias, demonismos e feitiçarias: “Com a magia branca e negra dos egípcios se confunde a maior parte da magia de outros países de todo o mundo; é impossível dizer exatamente até que ponto as crenças e sistemas religiosos de outras nações foram influenciadas por elas, mas não há dúvida de que delas vieram diretamente certas concepções e idéias religiosas de muitas seitas pagãs e cristãs” (BUDGE, p. 12).

E as cidades continuaram crescendo e já não havia mais espaço suficiente sequer para os vivos, tanto menos para os mortos: “a cidade se estende para lá, para lá, para lá, da própria cidade. Não havendo mais muros, ou espaços sagrados” (OLIVEIRA, p. 62).

Na Idade Média, clérigos e nobres eram enterrados nos cemitérios, enquanto à plebe eram reservadas as fossas comuns. Como as emanações provindas dessas valas além de desagradáveis provocavam pestes, com o tempo tal procedimento foi sendo substituído. No século XVIII houve um relativo resgate da dignidade humana e os mortos foram readquirindo o respeito. No século XIX (no bojo do romantismo) a morte passou a ser venerada até como libertação dos tormentos do mundo. Os rituais solenizaram-se, os túmulos tornaram-se suntuosos e os cemitérios cresceram. Todavia, o século XX, com todo o seu avanço científico e tecnológico, seu consumismo e descartabilidade, colocou novamente os mortos de lado. Os velórios, antes pomposos, agora são privados e silenciosos, o luto está restrito e discreto. “O morto é tratado como um desertor e a morte como um fracasso” (GOLDBERG & D’AMBROSIO, p. 48), pois o homem vale pelo que produz, pela sua capacidade de ganhar dinheiro. Quem não gera riqueza nada vale, é um inútil.

A rapidez de renovação do conhecimento e de todo o resto, leva o homem contemporâneo a distanciar-se sempre mais de suas próprias coisas internas. O avanço e disseminação dos meios de comunicação de massa eletrônicos e das

tecnologias informacionais vão ostensiva e gradativamente endurecendo e esvaziando as almas. Não havendo sentimentos não há sensibilidade, não havendo sensibilidade não há amor e, portanto, não há o deus. A sociedade contemporânea o matou, rompendo a aliança firmada com ele.

Na medida em que foi perdendo sua essência, o homem passou a buscar complementação fora de si, na esperança de preencher o espaço deixado. Essa busca fanática levou-o a um afastamento ainda maior do sagrado, de si mesmo e do convívio. No início do século XXI, pode-se observar claramente quanto o eixo outrora centrado na família (na formação da *polis*) foi desviado para longe.

Não, não foi a terra que matou a Deus, foram os homens. Nenhuma ligação mais na fumaça que subia das chaminés dos fogões à lenha. Só há fogões a gás por toda parte. Podem os homens não ter matado Deus, matá-lo é mesmo impossível, mas esqueceram-se dele, desprezaram-no. E as casas tornaram-se frias como os homens. Não há mais calor dentro delas ou deles. Teodoro morreria de desgosto ao ver que nem mais a fumaça... Teodoro sabia que a cidade iria crescer. Cresceu, é verdade, mas ainda continua uma pequena cidade. Não é a grande cidade que Teodoro previu. Mas a cidade ficou menor porque os homens secaram por dentro. O espaço que ocupam agora é menor. Ninguém mais senta-se ao pé do fogão nas noites de inverno. Nem o fogo os aquece e nem mais eles se aquecem uns aos outros, não falam. Ficam o tempo todo tiritando de frio na frente de um aparelho de televisão. Querem absorver o calor que lhes vem das imagens, dramas, tragédias porque já são incapazes de viver um drama, uma tragédia. E se aquecem com dramas e tragédias enlatados como se alimentam também de enlatados. E um dia, mais tarde, não haverá mais gás. E também não haverá mais terra para a renovação das florestas. E aí será o fim, o fim que Teodoro não pôde prever. (REICHMANN, 1981, p. 137)

No Egito contemporâneo, na cidade do Cairo, um fenômeno chama a atenção: Desde os anos 60 podem ser vistas antenas de TV, em quantidades crescentes, sobre os mausoléus. É importante considerar que as tumbas dos egípcios contemporâneos são acompanhadas de residências, ou “verdadeiros palácios”, em que os familiares alojavam-se quando vinham cultuar seus mortos. Contudo, segundo estimativas, mais de meio milhão de pessoas residem nos mausoléus e outro milhão nos edifícios de quatro andares construídos no interior dos cemitérios (*L'Etat du Tiers Monde*, 1987, in: MAGNOLI & ARAUJO, 1997, p. 140), pois estes estão próximos aos centros geradores de empregos. Os vivos voltando a habitar junto aos mortos, deles separados por poucos passos, qual descrito por Oliveira ao retratar os antigos hábitos greco-romanos, no início de seu ensaio:

Sagrada era a terra; sacra, a casa. Toda habitação grega ou romana possuía um altar, no qual havia sempre restos de cinzas e brasas, cabendo ao dono manter a chama acesa. Desgraçada a casa cujo fogo se extinguisse.

(...) Assim como a terra, a casa e os mortos eram sagrados, também a família. Entre os vivos e os mortos havia pouquíssima distância. Somente alguns passos, tantos quantos os separam a casa do túmulo. (OLIVEIRA, p. 56-57)

Contudo, esses não são necessariamente os mortos da família, tão pouco esse solo é a morada dos deuses, não havendo mais aquela veneração, nem a chama sagrada. O inviolável foi esquecido e o homem desumanizado pelo leviatã que lhe usurpou toda a dignidade.

A massa de homens indignos encontrada neste início de século XXI não difere em muito das hordas do final do XIX e início do XX descritas por Oliveira. Lá como cá, as párias da sociedade burguesa vão-se instalando sob viadutos, ao largo de vias expressas, em encostas ou áreas pantanosas, constituindo “uma outra cidade que cresce espontaneamente nos interstícios da cidade” (MAGNOLI & ARAUJO, p. 141). Fenianos sintetiza uma visão carnificada da realidade desoladora geral dos subúrbios: “Assisto em câmera lenta o que acontece rápido. Jovens acendem cigarros de maconha e *crack* em algo parecido a cuias. Ao lado, crianças ainda com chupeta brincam com carrinhos e bonecas. Velhos conversam tomando chimarrão. Não há diferença entre o público e o privado. Eles fazem na rua o que fariam em casa” (FENIANOS, p. 118).

Se já não havia mais o sagrado na metrópole, agora pouco resta no homem: solidão, vazio e a própria existência comprometida. Seu nome, que lhe conferia uma existência junto ao meio e a si mesmo, dando-lhe a certeza de existir pelo menos a cada vez que fosse pronunciado, já não significa nada:

Quanto aos nomes, ao termo que especifica, que dá uma identidade, somente os têm aquelas pessoas que se transformam em fenômenos sociais, para o bem ou para o mal [...]. Aquele que não pode ser modelo ou espetáculo – inominável. A cidade ideal somente a República Platônica. Mesmo assim, excludente como a polis grega – excludente como a Nova Iorque retratada em *Ragtime*. Aquela somente para homens livres; esta somente para brancos capazes de participar do grande espetáculo proporcionado pelo capitalismo e de gerar espetáculo. (OLIVEIRA, p. 62)

Mas, precavido, o leviatã sisou-lhe a determinação em buscar a morte ao mesmo tempo incutindo-lhe o medo do desconhecido. Medo este quase sempre escondido sob simulacros. Do conflito gerado entre a vontade de romper com a dura realidade e o medo da morte, na impossibilidade da salvação dado o esfalfamento do espírito humano, surge uma angústia que não pode ser curada; quando muito, amenizada. E o homem vai buscar remédio ao seu sofrimento no exterior, naquilo que a sociedade burguesa lhe oferece. Contudo, apenas paliativo, não resolve o tormento da alma, pela absoluta impossibilidade de se completar o imaterial com o material.

O homem, no afã de querer *ter* pela impossibilidade quase absoluta de *ser*, posto que assujeitado, hipoteca-se sempre mais, compulsivamente, sem tomar conta de estar submetendo-se ao escárnio. E quem haveria de prescrever tal baldado receituário? Ele, o leviatã, rindo-se do homem que já mal se sustenta sobre as próprias pernas.

A Velha, em “Cândido”, descreve sua angústia diante do apego à vida, apesar de todo suplício:

(...) cem vezes quis matar-me, mas ainda gostava da vida. Essa fraqueza ridícula talvez seja uma de nossas inclinações mais funestas: pois será que há algo mais tolo que querer carregar sem trégua um fardo que sempre poderíamos jogar ao chão? Sentir horror pelo seu ser e estar apegada a esse mesmo ser? Enfim, acariciar a serpente que está nos devorando, até ela roer-nos o coração? (VOLTAIRE, p. 46)

Aqui e ali, alguma resistência. Em meio às hordas sem razão e sem participação, alguns poucos escapam ao domínio leviatânico e lançam súplicas aos céus ou seus protestos à turba mouca, mesmo sem muita certeza.

Não há mais o calor do fogão a lenha: não há mais deles e menos ainda tempo. O trabalho já não constrói, apenas produz. Não há mais bravura, honra ou dignidade; apenas o *status*. Não há mais o terreno sagrado e é maldito o ventre.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BUDGE, E. A. W. **Magia Egípcia**; trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.
- FENIANOS, E. E. **O Urbanauta**. Curitiba: UniverCidade, 1998.
- FREIRE, R. & BRITO, F. **Utopia e Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- GOLDBERG, J. P. & D'AMBROSIO, O. **A Clave da Morte**. São Paulo: Maltese, 1992.
- MAGNOLI, D. & ARAUJO, R. **A Nova Geografia**. 2ª ed, São Paulo: Moderna, 1997.
- MARANHÃO, J. L. S. **O que é a Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- OLIVEIRA, W. F. C. de. **Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime**. Revista FACEL, v. 1 (n.º 1): p. 56-62, 2003.
- REICHMANN, E. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967.
- _____. **Cadernos PS I**. Curitiba: Pelo autor, 1981.
- VOLTAIRE. **Cândido**; trad. A.P. Marie Cambe. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.